

CONFIGURAÇÕES RURAIS: ESTUDO COMPARATIVO DE MODELOS ALTERNATIVOS

*Marinaldo Fernando de Souza¹
Valéria Andreatta Whitaker²
Dulce Consuelo Andreatta Whitaker³*

Resumo: Estudos comparativos vêm sendo realizados no Brasil, em Assentamentos de Reforma Agrária da região de Araraquara S.P, no Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul e na Região de São Carlos/SP com apoio do CNPq, coordenados por Dulce C. A. Whitaker. As pesquisas em andamento revelaram experiências de sustentabilidade, permanência e resistência do rural tradicional e emergência do Novo Rural, como alternativas ao modelo hegemônico: modelos que podem ser analisados face ao desenvolvimento regional, inseridos nas tendências globais indicando retorno e a permanência no campo, não só de trabalhadores rurais e camponeses, como de pessoas da cidade que optam por trabalhar no campo, ou alternam a vida rural com a urbana. Apresentaremos dois modelos de ruralidade "descobertos" por nós na região de São Carlos S.P.: uma ecovila com moradores em alternâncias rural-urbana e um sítio em um distrito rural, que apresenta um rural tradicional com histórico de resistência de uma família quilombola pressionada fortemente pelo agronegócio. Trazemos informações de diferentes modos de vidas em assentamentos rurais e no novo rural que possam repercutir em sustentabilidade econômica e ambiental.

Palavras-chave: Novas Ruralidades; Modelo Hegemônico; Alternativas; Singularidades.

¹Psicólogo, Mestre e Doutorando em Educação UNESP/FCLAr Araraquara – Apoio CAPES

²Doutora em Limnologia e pesquisadora do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA

³Doutora em Sociologia, pesquisadora do CNPq/ UNESP Araraquara

Abstract: *Comparative studies have been conducted in State of São Paulo (Brazil), about Agrarian Reform in Araraquara region, in historical valley of the Paraíba do Sul River and in São Carlos region with support from CNPq, coordinated by Dulce Whitaker. Ongoing researchs revealed experiences of sustainability, permanence and resistance of traditional rural and emergence of a new rural, as alternative to the hegemonic model: models that can be analyzed in view of regional development, inserted in global trends, indicating return and permanence in the country, not only of rural workers and peasants, as city people who choose to work in rural areas, or alternate urban life to rural. This article presents two models of rurality "discovered" by us in São Carlos region: an ecovillage with residents in rural-urban alternations and a farm in a rural district, which presents a traditional rural with historical resistance by a quilombola family strongly pressed by agribusiness. We bring information on different ways of life in rural settlements and in new rural which can produce positive impact on economic and environmental sustainability.*

Keywords: *New Ruralities; Hegemonic Model; Alternatives; Singularities.*

Introdução

O Brasil, do ponto de vista agrícola, apresenta-se hoje dominado pelo chamado agronegócio produtor de commodities - cana-de-açúcar, soja, pecuária, entres outras. A um olhar descuidado, no Estado de São Paulo, a paisagem parece toda coberta por esse modelo hegemônico.

No entanto, formas alternativas de sustentabilidade ambiental, resistência e/ou permanência do rural tradicional, e a incrível emergência de um Novo Rural (GRAZIANO DA SILVA e DEL GROSSI, 1999 e 2000), surgem e ressurgem - principalmente a partir dos movimentos sociais e suas lutas, e formam um caleidoscópio de soluções inovadoras - um rural dinâmico a ser melhor compreendido pela Sociologia Rural e melhor acolhido por políticas públicas de incentivo à agricultura familiar e à preservação da natureza.

A partir de nossas pesquisas sobre novas configurações e possibilidades do ser humano face à crise ambiental (WHITAKER, 2014), escolhemos como tema para este texto, dois modelos de ruralidade, na verdade duas especificidades ou dois casos que se afastam radicalmente do modelo hegemônico da região na qual se encontram, sugerindo que imperativos econômicos nem sempre são inexoráveis.

Esses modelos foram encontrados por nós, na região de São Carlos/ Araraquara - Nordeste do Estado de São Paulo - exatamente o maior produtor de cana do país, base da indústria de etanol e açúcar, região de concentração da pesquisa tecnológica sobre esses temas e centro administrativo da produção dessas commodities, com a proliferação de imensas Usinas em acentuada fase de internacionalização e perspectiva de expansão, apoiadas em estudos atrelados aos interesses do capital globalizado.

Pois bem, em meio a esse mar de cana, sobrevivem pequenos sítios, assentamentos de reforma agrária (um rural que ressurgiu), bairros rurais (um rural que resiste e permanece), casos largamente estudados pela Sociologia Rural nas últimas décadas.

Nossas "descobertas", no entanto, referem-se a casos ainda mais diferenciados, verdadeiras singularidades: por um lado, a "modernidade" de uma ecovila, recuperando processos comunitários de convivência, em harmonia também com a preservação da natureza; por outro lado a força da tradição vindo à tona - um território quilombola no qual, apenas um descendente de escravo resiste bravamente às pressões e aos apelos do agronegócio.

Cumpra lembrar aqui, que no Brasil, o assim chamado agronegócio é resultado das relações entre agricultura industrializada e o latifúndio que lhe serviu e lhe serve de base. São velhas práticas que a ideologia revestiu de modernidade, graças à tecnologia, e que tem como consequência a devastação ambiental, o desemprego, a miséria e as mazelas decorrentes. É portanto incrível (ou não?) que os fenômenos por nós observados ocorram em meio a toda essa ideologia e "pressão física" que os rodeia.

Os espaços pesquisados: um sítio quilombola

Em princípio façamos um pequeno resumo da História do sítio quilombola, nosso primeiro modelo, esclarecendo que estamos considerando um "modelo" porque territórios negros emergem pelo país afora e, por hipótese, este caso singular pode ter suas réplicas.

O sítio Pata Seca - que se originou da doação de 20 alqueires de terra de um rico fazendeiro para seu escravo - está localizado à 30 Km da cidade de São Carlos S.P. no Distrito Rural de Santa Eudóxia, cravado em uma das maiores regiões produtoras de café do século XIX, e que teve grande concentração de pessoas escravizadas. A região guarda importantes marcas históricas, que vão desde as grandes fazendas e seus casarões imponentes, até as infinitas memórias que ressurgem em meio ao "rural esquecido" (WHITAKER, 2009). Somente na

Fazenda Santa Eudóxia havia 540 escravos, entre eles o escravo apelidado de Pata Seca, que mais tarde - com a abolição da escravidão no Brasil - foi registrado com o nome de Roque José Florêncio. Pata Seca nasceu na cidade de Sorocaba S.P. (1827-1958) e foi levado ainda jovem, em 1849, para as frentes de mão-de-obra nos cafezais da fazenda Santa Eudóxia. Mas, por ser muito forte e alto (2,18mts), o escravo passou a ter certas "regalias" e foi escolhido como "reprodutor". Estima-se que Roque José Florêncio seja pai de mais de 200 filhos, que também deixaram - e ainda deixam - seus descendentes na região, além do importante patrimônio cultural imaterial a ser recuperado entre os "meandros infinitos da memória". (WHITAKER, 2007)

Do sítio que originalmente contava com vinte alqueires de terra restaram apenas 1,5, que hoje é trabalhado por um de seus netos e sua companheira, em um grande exemplo de resistência. Conta Nelson Florêncio que, durante cinquenta anos, desde a morte de seu avô, o sítio vem sendo pressionado e roubado com demarcações irregulares feitas por fazendeiros com influência política e econômica. Na esteira da história, essa singularidade reflete as formas de coerção que o homem do campo vem sofrendo, além de nos dar informações necessárias para compreender as contradições entre dominantes e dominados (MOURA, 1986, p. 10)

Mas deixemos agora que nossos personagens, o senhor Nelson e sua esposa Creuza, falem em suas palavras, aquilo que queremos expressar.

Após contarem, como e porque voltaram da cidade de São Paulo, o casal relata a incrível garra com a qual reconstruíram até o rural, reconstruindo, de certa forma, suas vidas.

Limpamos "tudinho" aqui para ajeitar e fazer a casa; daí a gente foi carpindo e a gente falava assim... vamos fazer um negócio, vamos fazer uma tarefa, hoje nós carpi esse tanto e junta eu e ele, óh, e carpia um tanto; foi indo, foi indo, foi indo, até que a gente conseguiu limpar o sítio todo. Mas era mato mesmo, colônia, era "coisa mandada!

As pessoas apostavam que ficariam três meses:

As pessoas achavam que a gente ia conseguir ficar aqui três meses e já faz quatro anos, agora, falei pra ele, o pior já passou!

E surge do discurso, a fartura do rural, quando a esposa descreve a abundância

de alimentos que passam a obter comparativamente à vida na cidade:

Ah! Não dá para viver aqui? Dá sim! É só ter garra que nem a gente teve, né?

O que se destaca no discurso do senhor Nelson, no entanto, é o tipo de resistência que consegue desenvolver - ora apoiado no sistema jurídico ao qual apela sem desânimo, ora apoiado na rede de famílias antigas e da própria Igreja evangélica, à qual se converteu durante o percurso.

A história... é uma história qualquer? Não é uma história qualquer! Então é difícil viu, é difícil! Então a gente está aí na luta, eu estou correndo atrás. Inclusive eu peguei tudo quanto é papelada da história de meu avô e levei tudo na, na... como fala... no, no Ministério Público Federal, já faz uns seis meses [...] Estou contanto com o Direito.

Pelo seu discurso perpassam as dúvidas quanto à reforma agrária que o acompanham desde os tempos do seu pai (que morreu aos cinquenta e poucos anos sem ver esse processo). Em alguns momentos, no entanto, surge a esperança porque ouviu o Presidente Lula falar sobre isso no programa de rádio A Voz do Brasil:

[...] e eu escutei uma reportagem com o Lula, o Lula falou assim na reportagem - na Voz do Brasil - "As terra que é dos escravo ninguém pode mexer, tem que voltar para o antigo dono!". Então, nós somos netos de escravo; então espero que eles lá tenham consciência e faz a papelada direito, não é verdade? Ou estamos errados? Então, é isso aí que acontece".

Assim, a determinação de um indivíduo face à hegemonia e ao arbítrio contribui para o esboço de uma singularidade, remetendo ao possível dentro do impossível. Cumpre ressaltar aqui o apoio da esposa, que se mostra e emerge durante a entrevista, sempre a nos lembrar que a invisibilidade feminina também desaparece pelas brechas do discurso masculino e que esta singularidade se compõe de uma díade (CARDOSO e IANNI, 1982).

Os espaços pesquisados: a utopia de uma ecovila

Passemos agora da Tradição para a Utopia. Dentro das novas formas de

ruralidade que têm se multiplicado pelo Brasil afora, largamente estudadas sob a ótica de um Novo Rural por Graziano da Silva e Del Grossi (1999 e 2000) - um conceito em formação - destaca-se aqui um caso exemplar. Um grupo de famílias "desiste" da vida urbana e leva suas preocupações com o meio ambiente e com a própria qualidade de vida a consequências de alta coerência, formando uma ecovila em um espaço rural associativo de 11 alqueires.

Com aproximadamente 30 moradores - sendo 15 permanentes e outros 15 em sistema de residência temporária para troca de experiências e voluntariado - a Ecovila Tibá está localizada a dez quilômetros de São Carlos, a capital da tecnologia e do conhecimento, cidade marcada por duas grandes Universidades, e empresas que realizam pesquisa de ponta para o desenvolvimento do capital.

Este segundo modelo pode ser pensado, em análises apressadas, como contradição em relação ao sítio do senhor Nelson Florêncio. Seria a modernidade do pensamento sistêmico *versus* a tradição em resistência ao "progresso".

Um olhar mais acurado, no entanto, revela pontos de coincidência entre tais modelos tão dispares, já que ambos se colocam em negação radical face ao poder econômico que emana do capital, tanto no campo, onde resistem o senhor Nelson e sua esposa, quanto na cidade que essas famílias abandonaram para viver a simplicidade do mundo rural.

Trocar a cidade pelo campo não é fácil, face à embriaguez tecnológica que nos seduz. Mas ver-se livre da poluição, do consumo e do estresse e garantir melhor qualidade de vida para suas crianças é poderosa motivação, assim como nos relatou Fernando, um dos "líderes" espontâneos responsável pela organização do trabalho com a terra. Vejamos agora como explica sua opção:

[...] esse tipo de coisa, cara, foi explodindo dentro de mim; que cooperativismo é esse? Impressionante essa força de grupo e de comunidade... e aquilo foi alimentando dentro.

Fernando tem uma forma muito pitoresca de explicar o destino a seu favor, quando diz que viajou exatamente para o lugar onde encontraria a companhia ideal para seus projetos e quando estava em São Paulo e se sentiu em desarmonia, o destino novamente os impulsiona.

Chega a ser muito curioso assim; dá a impressão que eu sou uma pecinha que foi colocada no lugar e na hora certa.

Em relação a sua esposa chama atenção para a identidade de propósitos entre ambos e a harmonia do relacionamento.

[...] Ela compartilha de muita coisa em relação a alimentação, a gente não consome carne e nem dá para as crianças, as crianças nasceram em casa, os dois. A gente pensa... a gente questiona tudo; a gente questiona o que a gente veste, o que a gente assiste na TV, o que a gente come, como nossos filhos vão nascer, o que a gente vai dar de remédio para eles; se eles ficarem doentes o que vamos dar? Antibióticos? Anti-Bio? Leva a doença e sistema imunológico inteiro da criança. A gente questiona, questiona, questiona...

Falando sobre a simplicidade da vida na ecovila recorda o passado. Após se formar foi para a Bahia e chegou a morar na praia, mas indo para a Austrália encontrou o caminho da permacultura. Sua memória, como toda memória, não é linear, então recorda a sua infância. A partir desse momento, o que temos que dizer só faz sentido em suas próprias palavras:

[...] Até fui um engravatado, mas eu não era feliz e sempre procurando um jeito de sair fora; acabei de formar ainda fui para a Bahia, e fui morar na praia meu; aí fiquei ali um tempo, aí voltei e aí depois que fui para a Austrália, mas procurando, sabe? Não sabia o que eu queria, mas um pouco daquele mosaico foi se apresentando [...] A história faz... talvez se eu não tivesse nascido naquele condomínio de classe média alta eu não estaria aqui hoje e até aquele condomínio tem uma importância muito grande, porque eu pude desenvolver ali desde os sete - desde os sete eu mudei para lá... até os dezessete; tinham morros, plantei vários pés de fruta lá dentro quando criança; os caras estavam plantando eu estava junto com os jardineiros, porque um lugar daquele tinha muito jardineiro, eu ficava com os caras, com os peões. Eu me interessava por esses humildes, entendeu? Meus amigos não acreditam; o cara tinha uma marmita e via a linguiça e eu falava "dá essa linguiça aí pra mim" [rs]. [...] Eu gosto da simplicidade! Fico vendo hoje assim, sei lá, o Funk Ostentação e eu falo... minha família já teve dinheiro pra caramba e os caras nem sabem que isso aí é uma balela, velho; colar de ouro, isso não significa nada para mim. [...] quando eu comecei com isso de viajar de mochila por aí e não querer muito essa vida capitalista, o pessoal deu uma assustada assim, do tipo, "vai viver do que?". "Isso é maluquice"; demorou pro pessoal falar assim, pra cair a ficha;

isso não agora, mas logo depois que eu me formei. Eu tinha meio que essa meta, "preciso me formar"; "faculdade nem sei o que quero fazer direito e vou fazer essa comunicação aí..." Devia ter feito agronomia, educação ambiental, alguma coisa assim, mas eu não estava enxergando; estava tão perto de mim. Agora lá na Austrália, na Ecovila, o cara de lá veio sentar sério comigo e falou assim: "eu gostei muito de seu trabalho e eu quero que você venha morar aqui com a gente"; aí eu respondi "eu não posso cara, sou brasileiro, tenho que voltar para o meu país; [...] eu até cheguei ficar interessado, só que eu estava com 25, 26 anos e eu nunca tinha me alistado no exército; eu tinha um passaporte válido por dez anos e o passaporte ia vencer e pra eu tirar outro passaporte eu precisava do certificado de alistamento militar, então não tinha jeito nenhum de ficar lá, ao contrário acho que eu tinha ficado [...]"

As três famílias envolvidas no processo e os demais residentes temporários moram em uma casa central, mas com a previsão de uma breve redistribuição em uma casa que está sendo construída, e em outra em fase de reforma - num modelo clássico do rural tradicional tal como descrito por Antônio Cândido (2012) e Maria Izaura Pereira de Queiroz (1973). Barracas instaladas recentemente são signos de jovens que se sentem atraídos pelo modelo.

As refeições são comunitárias, com uma organização própria que distribui tarefas numa lógica bastante peculiar. Alguns são vegetarianos e o que mais chama atenção é a produção das hortas com técnicas agroecológicas de permacultura e o tratamento dos resíduos com técnicas naturais, baseadas em plantas.

Também com plantas mantém limpa a água da piscina ecológica. As práticas alternativas que adotam na ecovila são compartilhadas com experiência de troca de conhecimento. Mas o que temos por enquanto é a predominância dos conhecimentos do nosso principal entrevistado - Fernando - cuja experiência em comunidades agroecológicas na Austrália é de grande valia.

[...] aqui nós temos essa proposta de crescimento na diversidade humana, achar que esse crescimento nos engrandece; isso em relação a religião, a opção de trabalho, qualquer coisa que seja.

Os moradores se organizam a partir de uma ética de convivência solidária e participativa, pautada pelo convívio prazeroso, redução do custo de vida e baixo

impacto ambiental, aspectos bastante enfatizados da psicóloga Ana Claudia que acompanha Fernando na crença de um mundo melhor.

A ética dos Tibaporás extrapola os valores de convivência em unidades paralelas, e reúne condições necessárias para o emprego de uma interação sistêmica e transdisciplinar, condição facilitada pela diversidade de "histórias de vida" reunidas no mesmo espaço geográfico, mas com motivações subjetivas que convergem para prática de amor e hospitalidade a todos os seres que vivem.

Referências

CANDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2012.

CARDOSO, F. H. & IANNI, O. (orgs.). **Homem e Sociedade: Leituras Básicas de Sociologia Geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas, IE/ UNICAMP. 1999 (2ª edição).

GRAZIANO DA SILVA, J. e DEL GROSSI, M.E. **O Novo Rural Brasileiro**. Disponível em: <www.iapar.br/arquivos/File/zip_pdf/novo_rural_br.pdf> Acesso em: 12 de abril de 2014, 15:30:25.

MOURA, M. M. **Camponeses**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

QUEIROZ, M. I. P. **Bairros Rurais Paulista**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

WHITAKER, D. C. A.; VELÔSO, T. M. G. **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP (Editora da Universidade Estadual da Paraíba), 2005.

WHITAKER, D. C. A. **Memória social, meio ambiente e envelhecimento no Brasil rural: três olhares (estudo comparativo)**. Produtividade em Pesquisa, CNPq, 2009.

WHITAKER, V. A.; Configurações Sociais, O Meio Ambiente e as Possibilidades do Ser Humano no Campo. Projeto de Pesquisa. UNIARA. 2014